

O HOMEM NO ESPAÇO URBANO: REPRESENTAÇÕES FICCIONAIS CONTEMPORÂNEAS EM *LUNARIS* DE CARLOS RIBEIRO

Arola Maria da Silva Figuerêdo¹

Orientador: Prof. Dr. Washington Luís Lima Drummond

Resumo: De acordo com Ângela Maria Dias (2007), uma estreita relação com a vida urbana, apontando este cenário como um ambiente mutável no qual a ficção se espelha para a construção de obras literárias que discutam o caos da contemporaneidade e o efeito disso sobre a vida humana representada nos textos. O homem que habita as páginas ficcionais traz no seu interior a desorganização que também aparece na paisagem urbana. Das muitas obras literárias atuais que tratam desta questão, *Lunaris* - do escritor baiano Carlos Ribeiro - bem exemplifica esta força da urbanidade sobre o homem, que quando muda o cenário urbano contamina-se, modifica-se, transforma-se. Desta forma, se a cidade metamorfoseia-se, a *persona* o faz também. Este projeto pretende investigar as representações ficcionais dos comportamentos do homem que vive sob a exegese da polis contemporânea, a partir da leitura da obra literária *Lunaris*, de Carlos Ribeiro, com ênfase nos estudos sobre literatura e cidade, produção cultural e modos de vida.

Palavras-chave: Literatura contemporânea. Produção cultural. Espaço urbano. Modos de vida

ALGUNS ASPECTOS DA FICÇÃO CONTEMPORÂNEA

A literatura contemporânea tem mantido, de acordo com Ângela Maria Dias (2007), uma estreita relação com a vida urbana, apontando este cenário como um ambiente mutável no qual a ficção se espelha para a construção de obras literárias que discutam o caos da contemporaneidade e o efeito disso na vida do ser humano representado nas páginas dos textos.

E sua face ficcional tem como característica basilar o não estar totalmente definida. Ainda é um conteúdo /assunto em discussão e em construção – isto porque todas as situações da vida atual concorrem para as muitas mudanças em um tempo cada vez menor. Há expressado no ar as marcas da corrida pelo espaço e pelo estar no mundo, e a percepção de que certezas não mais existem. Então, compreender uma dada realidade exige que se atente o olhar para os muitos pedaços que vão se configurando a frente do observador.

Outro aspecto relevante de registro é o fato desta literatura pautar-se pelo atual, o presente em formação e desenvolvimento, segundo Giorgio Agamben citando Barthes, “contemporâneo é o capaz de captar o seu tempo e enxergá-lo” daí amparar-se no agora não totalmente na sua especificidade, mas abrindo as discussões acerca das demandas em vigência, sobre o homem e o seu estar no mundo (AGAMBEN, 2009).

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. E-mail: aroladafigueredo@yahoo.com.br.

Também se caracteriza pelo intempestivo que abala as estruturas cristalizadas dando-lhes outros formatos temáticos e discursivos. Colocando em cheque outras possibilidades de apreciação dos objetos e das situações de vida. E por este estudo focar-se na relação homem no espaço urbano, observa-se que há um propósito no texto ficcional de trazer à tona as dificuldades e conflitos gerados nesta relação, atentando principalmente para aquelas ocorridas nas zonas marginais e obscuras do espaço citadino.

Em relação às temáticas essa ficção atenta-se mais para as problemáticas atuais do país e arrasta para a centralidade os seus aspectos de maior vulnerabilidade como as muitas faces do crime que se avoluma no espaço urbano, a miséria humana e suas sequelas, além do registro constante da corrupção nas ações entre os cidadãos. Considerando ainda a multiplicidade de representações que são consumidas pelas pessoas no seu cotidiano através da simulação de vida baseada nas informações advindas dos meios de comunicação de massa.

Seguindo o pensamento de Karl Erick Schollhammer (2009), observa-se que a vida cotidiana passa a ser exposta através de representações ficcionais que evoluem passando pelo registro autobiográfico, a figuração das relações político sociais, bem como dos modos de vida. Entretanto é importante ressaltar que a escrita literária também ganha novos formatos a partir da chamada hibridação textual onde essa produção se entrecruza com várias outras formas de escritura, provocando o transbordamento na tessitura do texto literário que se avizinha do não literário como é o caso do texto jornalístico que viabiliza uma ficção que atenda mais prontamente a agoridade através da utilização das formas curtas e breves.

Tomando por base então alguns dos traços marcantes dessa nova ordem, na produção artística romanesca, percebe-se que são várias as particularidades dessa ficção tais como o texto desmontável e ou lacunado, como também a adaptação da linguagem curta e fragmentária e o entrelaçamento entre expressões como o conto e a crônica com cara de reportagem de última hora que traz em seu bojo uma manchete chamativa e instigante.

INTRODUÇÃO A LEITURA DE *LUNARIS*

Lunaris, é uma obra que num primeiro momento desperta no leitor uma sensação de que, abre-se na contemporaneidade um parêntese romântico. Isto porque ao compor a obra Carlos Ribeiro dá forma às características evasão no tempo e no espaço, aspectos bastante utilizado pelos autores do Romantismo. Entretanto, isto é apenas uma estratégia que lhe permite transgredir as

regras de escrita do seu tempo através da criação do espaço de liberdade, espaço para pensar dentro dessa conturbada época. *Lunaris* em referência intertextual com *Solaris* romance de Stanislav Lem.

Nesse sentido, a obra em foco torna-se um objeto de investigação no que se refere à compreensão dos sentidos das representações ficcionais contemporâneas. A partir das novas formas de pensar a construção romanesca, no momento em que se elegem as novas tecnologias como suporte cada vez mais utilizado para dar corpo e visibilidade a escrita.

ALGUMAS CENAS DE LUNARIS: PARA REFLEXÃO SOBRE SUJEITO E CIDADE

Para começo de leitura nota-se que o mistério da obra recai sobre a experiência e expressão de uma personagem solitária que se perde em meio a uma grande quantidade de mudanças que aconteceram a sua volta na sua cidade natal.

A verdade é que fora justamente nesses últimos trinta anos que a cidade de Salvador passara por suas mais profundas mudanças. É claro que hoje havia muito mais lugares onde você podia comprar coisas, mas o que havia de verdadeiramente humano e de original na cidade fora varrido pelo crescimento urbano. As dunas do Abaeté, nas quais andava sem o mínimo receio, foram desfiguradas pela especulação imobiliária. Um dos mais belos paraísos naturais do estado transformara-se em pontos de desova de cadáveres.[...] As praias poluídas,... A vegetação sofrera transformações radicais a ponto de desaparecerem, quase completamente, espécies frutíferas como os cajueiros, mangabeiras, dendezeiros, tamarindeiros, amendoeiras e pitangueiras tão abundantes naquele tempo. Um sem-número de residências e condomínios foram implantados, de forma desordenada, sobre extensas áreas de dunas, restingas e manguezais. [...] Até o ruído do bairro se alterara completamente: em vez do som do vento nas árvores, do mar quebrando na praia e das cantigas das lavadeiras e dos pregões dos vendedores, lá estava o barulho incessante dos carros, a algaravia das vozes sem poesia (RIBEIRO, 2007, p. 25).

Nesse fragmento do texto, percebe-se que o tempo e a memória tornam-se elementos fundamentais para a compreensão de alguns aspectos da obra, pois há a formação de uma linha tênue entre a memória e a realidade, entrecruzadas para resgatar o passado e compreender o presente. Isto pode ser ilustrado através do seguinte trecho da obra: “Houve um tempo em que *Lunaris* confundia-se com o espaço de sua casa [...] era um tempo bom aquele que lembra com sentimento de perda” (RIBEIRO, 2007, p.21).

E de acordo com os postulados de Walter Benjamin (1994) ao tratar da morte da tradição oral e o surgimento do romance, o desenvolvimento urbano passa então a narrar essa memória, a literatura começa a tratar da dimensão íntima do indivíduo. E nesse caso, pode-se perceber a contaminação lírica que aí ocorre, visto que, o sujeito que aprecia, que denuncia, que se expressa

derrama sobre o texto todas as suas sensações e sentimentos através das vozes pronunciadas ou emudecidas dentro da narrativa.

Por outro lado, a cidade faz com que haja a desagregação na medida em que se torna um local onde inúmeros acontecimentos se desenrolam deixando cicatrizes profundas no interno da *persona*. Cicatrizes estas que vão se avolumando ao longo da vida das personagens até atingir o mais profundo dos espaços de sua interioridade e integridade ética e moral.

Observando ainda que a memória ganha forma no aspecto testemunhal, ou seja, a partir da tentativa de relato da vivência, a escrita por sua vez fecha-se no aspecto documental, não permeando o sentimento impresso pela marca deixada, como no veludo. É aí nessa inquietação que brota a necessidade de imprimir vida onde se tem apenas o registro documental, pois existe no homem uma memória entremeada de sentimentos, fantasias, verdades desnudas de ostentações, porém recheadas de crenças representativas do imaginário coletivo e particular. Essa memória de tempo mítico é a expressão maior da sabedoria humana, mas também a exposição da alma sentinte do sujeito que se desnuda.

Ao dar vida ao que traz na memória, Alberto, protagonista de *Lunaris*, se percebe *a beira da catástrofe*, quando, em seu delírio, descobre-se um indivíduo-nada. O palco no qual se encena este caos humano é a cidade de Salvador. Nesta cidade – espaço de violência e desassossego – a alma de Alberto vai se abrindo e revelando suas dores frente ao mundo que habita no momento e a vontade de trazer de volta o que perdeu, mas ao mesmo tempo sua agonia o leva a observar o apagamento da sua cultura, frente à força sociocultural que se atualiza rapidamente.

Edward Tylor (1871), na sua formulação de conceito de cultura traz, a mesma como:

Cultura ou civilização, tomada em seu sentido etnográfico amplo, é aquele todo complexo que compreende conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano enquanto membro de uma sociedade.

A partir desse entendimento de cultura é possível compreender que a personagem central do romance adquire nessa passagem a condição de representar através da ficcionalização o homem pós-moderno, dentro do espaço urbano com suas dificuldades frente ao mundo globalizado e consumista. Um ser fragmentado em sua identidade, angustiado, solitário, alheio, que se sentia “o mais anônimo entre os homens [...] o silêncio e sua própria insignificância” (RIBEIRO, 2007, p. 43). Por que se encontra em uma encruzilhada conflitante ao se dar conta que o seu repertório de conhecimentos e valores culturais colidem e se esvaziam frente as demandas representativas apresentadas pelo e no espaço urbano, em seu movimento midiaticizado pelas várias formas

tecnológicas que se avolumam no dia a dia da capital baiana, modificando a cosmovisão e os costumes dos habitantes.

Em *Lunaris*, Salvador é apresentada não apenas como a cidade-cenário, mas seguindo as observações de Regina Dalcastagnè (2003), a edificação da cidade faz parte da estruturação dos conflitos e identidades. Sendo assim, Alberto não seria o que é se toda a trama não se desse em solo soteropolitano, uma vez que a cidade de Salvador é aos poucos revelada pela personagem e da mesma forma que ela se modifica como espaço geográfico, a persona altera-se como sujeito humano.

Daí a necessidade de se pensar memória ligando-a a perspectiva da mediação, a qual deverá não apenas unir-se ao fato, mas também a imagem. A relação entre a memória e a imagem possibilita uma visão de trabalho literário oriundo da dialética do olhar. Percebe-se que o autor parece querer discutir acerca das agonias vividas pelos homens do século XXI, tempo em que a arte deve se preocupar mais em evidenciar a força da globalização sobre o humano ao tempo em que se prima pela liberdade de expressão dos que se motivam a percorrer esse terreno de escrituração incerta e inconclusa pela brevidade em que as situações se modificam.

Ao traçar essa linha de entendimento apoia-se no que afirma Drummond (2013), quando expressa que a máxima exposição do meio urbano em imagens equivale à exposição do capital globalizador e predador. Pois o espaço urbano de trocas simbólicas tenderia ao esgotamento e a fixação espetacular. Visto que, se vive agora no campo da patrimonização e do turismo, como reincidência do morto e do mesmo.

Como personagem, se por um lado Alberto se submete representação da imagem e de expressar esse homem que se deixa mudar refletir, por outro assume o perfil do elemento identitário denunciador das forças mundiais globalizadas que imperam e corrompem os modos de vida, na medida em que impelem o homem ao consumo de representações, ainda que inconscientemente, mesmo que se diga estar ligado as suas raízes e valores particulares, como deixa entender Carlos Ribeiro nas entrelinhas de sua escrita.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES EMBRIONÁRIAS

Como se sabe literatura pós-moderna emerge desde a antiguidade da Grécia arcaica até os dias atuais através de releituras e provocações que possibilitam os mais diversos olhares sobre uma infinidade de objetos e situações já vistas antes, porém tomando-se, desde suas raízes mais remotas, como fonte de inspiração e inspirada na literatura canonizada ou clássica. Esse é sem dúvida um

exercício positivo por permitir que aconteça o despertar de uma consciência reflexiva sobre si mesmo, seus valores e importâncias.

Certamente não foi sem razões ponderáveis, que se escolheu discutir e realçar o valor dessa manifestação literária através do estudo de *Lunaris*, situando-a em seu contexto sócio cultural, já que na obra lida é possível perceber aspectos negativos da cidade que influenciam o comportamento da personagem Alberto, selecionada para esta leitura. O cenário urbano representado por elementos como: “o hábito, aquele sólido repertório de convenções, parecia-lhe uma camisa-de-força que todos vestiam, inconscientemente, para não ver a realidade. Como se todos estivessem hipnotizados” (RIBEIRO, 2007, p. 15).

Também é importante ressaltar que a personagem, nesta produção literária de Carlos Ribeiro, aproxima-se do narrador pós-moderno, não no ato de narrar, mas no deslocamento do olhar com o qual observa a cidade, contaminando-a e sendo contaminado por ela. Nessa perspectiva de leitura compreende-se que sujeito e cidade se entrecruzam, se misturam, se contagiam e se completam. Pois, um marca o outro, deixando pegadas leves e profundas, e o autor ao instaurar tal discurso vai dando vida através da linguagem e da percepção aguçada aos meandros desta relação conturbada e controversa.

Então o seu discurso se distingue dos demais, pelos contornos que a linguagem adquire na descrição e caracterização dos espaços citadinos e das sugestões interpretativas das formas de sentir e das expressões sensoriais do sujeito nos momentos em que emerge da armadura se pondo mais visível, mas que também se estilhaçam nos quadros de memória apresentados na tessitura da narrativa romanesca ao trazê-las sob a forma de pensamentos entrecortados e aparentemente desconectados, porém construídos intencionalmente dando ao texto uma forma rizomática onde os elementos se intersectam, dialogam e se completam. Entretanto são apresentados de forma independentes e autônomos como partes dos estilhaços.

Seguindo esse caminho de leitura identificou-se através de Alberto e suas reflexões, que o evidenciar da desintegração do ser humano pode representar a tentativa de resistência, para não se deixar levar por esta correnteza e procura se fortalecer nas suas raízes, através de uma lembrança nostálgica da infância perdida, da valorização da natureza que compunha o cenário paisagístico da Salvador dos tempos idos, da Itapoã da liberdade, da brisa amena e das brincadeiras e descobertas dessa época. Nota-se que aí reside à fonte energética que robustece o humano frente às demandas contemporâneas corporificada na era das relações líquidas, sem vínculos duradouros e sem compromissos com o ser, mas com estar.

Entretanto, observou-se o lirismo derramado sobre as celebrações da natureza no veio nostálgico da infância e da adolescência perdidas somadas ao isolamento humano descrito na fase adulta da personagem. Alberto na verdade reflete o processo de desumanização fundado pelas forças da cidade. Onde as pessoas não se comunicam, porque “há mais cimento construindo muros do que passarelas para dialogarem”, O trecho da canção do Pe. Zezinho bem evidencia que essa constatação não figura apenas nos romances, visto que, nessa perspectiva a solidão surge como uma grande metáfora da vida urbana que passa a ser sentida por todos ainda que não entendida por alguns.

Nesse caso, o homem se isola e sofre porque sente que fora feito para construir laços afetivos duradouros e não apenas viver a realidade de estar situado em meio a multidão que passa sem vê-lo e por isso não o acompanha e nem o conforta. Apenas como conjunto forma a aglomerada cidade do progresso, da desagregação e degradação humana. Disso decorre uma mudança comportamental gerando uma personalidade que se compraz, em expandir-se livremente para atender as modificações significativas nas estruturas do seu psiquê.

Por ser uma obra em que o leitor pode reconhecer características do ideário pós-moderno a personagem acaba percebendo que não pode mudar o mundo que se tornou tão egoísta como ele e por sua vez sem saída. A desconstrução do indivíduo e da cidade reforça e desvela a pós-modernidade contemporânea que pode ter sido sugerida pelo autor ao descrever Alberto e ao romper com as faces primeiras da cidade para transformá-la em sombria. Dessa forma, a obra desnuda a perspicácia desse escritor que brinca com as palavras, os significados e os símbolos sociais de maneira a denunciar a verdadeira brutalidade sofrida pelo homem e seu habitat natural:

Algumas vezes, tomado por um estado de profunda melancolia, saía às ruas, geralmente no final da tarde, e via, com lucidez insuportável, uma tristeza oculta por trás dos risos e gestos, derramada no rosto das pessoas que circulavam nos ônibus, nos automóveis, nas calçadas; nos que ficavam parados nas esquinas, nas portas dos edifícios, nas janelas das casas, nas avenidas, parques e ruas de Salvador. E tudo era tão diferente dos tempos em que, ainda estudante, circulava pela cidade que sempre amara e que então lhe parecia, ao contrário, um mundo luminoso, repleto de promessas, de sonhos, de possibilidades que nunca se esgotavam (RIBEIRO, 2007, p. 14).

Como, Salvador é uma cidade de contrastes com altos e baixos, novos e antigos se contaminando e subsistindo junto, sua paisagem arquitetônica bela e caótica aparece como espaço adequado para o trânsito de Alberto, que se mostra como um personagem-habitante contraditório e contorcido pela saudade da Salvador dos sonhos e o desapego com a metrópole forjada à luz das demandas capitalistas.

Pode-se presumir nesta leitura inicial que há uma forte relação entre o personagem que percorre a sua cidade que se desintegra e muda, e, que assiste na reconstrução a perda da sua individualidade, recebendo uma nova configuração urbana mais próxima do exigido pela nova ordem social política e econômica. Assim, se percebeu e externou as implicações dessas rápidas mudanças econômicas, sociais e arquitetônicas para a cultura e o quanto isso afeta a existência e a atuação do homem na sociedade, aqui representados ficcionalmente.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

DALCASTAGNÈ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. In: *IPOTESI. Revista de Estudos Literários*. v. 7, n. 2. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003. p. 11-28.

DIAS, Ângela Maria. Ficção brasileira contemporânea experiência urbana. In: *literatura brasileira e cultura contemporânea*. Niterói-RJ: EdUFF, 2007.

DRUMMOND, Washington Luis Lima e SAMPAIO, Alan. *A Cidade e seu duplo: imagem, cidade e cultura*. Salvador: EDUNEB, 2013.

Pe. Zezinho. *Os muros vão cair*. Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/padre-zezinho/os-muros-vaao-cair.html>. Acesso 31/08/2014.

RIBEIRO, Carlos. *Lunaris*. Salvador: EPP Publicações e Publicidade, 2007.

SANTIAGO, Silviano. *Na Malhas da Letra*. São Paulo: Cia. da Letras, 1999.

SCHLLHAMMER, Karl Erick. *Ficção Brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TYLOR, Edward, B. *Primitive culture I*. London, 1871.